



Paulo Fontes: Contra a islamofobia — quem não é Charlie na França

Após o atentado contra a revista *Charlie Hebdo*, escrevi um artigo [neste espaço](#) (*Charges do Charlie Hebdo: liberdade de expressão x tolerância religiosa*) no qual, ao tempo em que rejeitava o extremismo e a violência, esbocei uma crítica às caricaturas do jornal, afirmando que a liberdade de expressão teria limites frente ao sentimento religioso.

Alguns sustentam uma concepção mais absoluta da liberdade de expressão. Ela só poderia ser cerceada em caso de incitação mais direta à discriminação e à violência. Afirma-se, e não se pode negar, que intolerantes são os que reagem com armas ao crayon. O que questiono, e parece óbvio em outros campos, é se a tolerância e a necessidade de convivência não recomendariam limites até mesmo a uma liberdade tão fundamental; tolerar algo ou alguém é conviver com características que não nos agradam. Mais uma vez, pode-se retrucar: que os muçulmanos convivam melhor com as críticas e as caricaturas. Mas um aspecto que deve ser levado em conta nesse conflito de princípios é a essencialidade do sentimento religioso para o crente. Algumas vozes na França vêm se manifestando nesse sentido.

Thibaud Collin, professor de filosofia num colégio católico em Paris, em artigo publicado no *Le Monde* em 15 de janeiro criticou também as sátiras da *Charlie* e afirmou que “*exigir que um muçulmano se torne um bom cidadão e adira aos valores de uma República cuja encarnação seria ‘Charlie’, é na prática excluí-lo da nação e atirá-lo nos braços dos islamistas que só estão esperando por isso.*”

No mesmo dia, Rony Brauman, ex-presidente dos Médicos sem Fronteiras e professor de relações internacionais na *Sciences Po* em Paris, em artigo intitulado “*O que há de não-Charlie em mim*”, evita chamar de covardes os jornais ingleses que deixaram de reproduzir as caricaturas da *Charlie* após o atentado. Dizendo-se a favor do direito de blasfemar, Brauman teme, contudo, que a sátira seja mais ou menos permitida de acordo com seu alvo, lembrando que a *Charlie Hebdo* demitiu em 15 de julho de 2008 o cartunista Siné, acusado de antissemitismo por conta de uma crônica escrita no semanário alguns dias antes; Siné chegou a sofrer investigação pela Justiça francesa.

Também no *Le Monde* um coletivo de autores, envolvendo lideranças de imigrantes e a *União judia francesa pela paz*, publicou o artigo intitulado “*Mais que nunca, é preciso combater a islamofobia*”. Rejeitam o que chamam de escolhas binárias e propõem perguntar se existe uma relação entre a política levada a cabo pelos países ocidentais e o crescimento dos grupos extremistas e fanáticos, afirmando, como exemplo, que a Al-Qaeda não existia no Iraque em 2003 e não possuía base territorial, e que agora o Estado Islâmico controla parte do território do Iraque e da Síria. Lembram ainda que o drama dos palestinos alimenta a ideologia dos grupos mais extremistas, como admitiu o secretário de Estado americano John Kerry. Defendem uma política de conciliação com os muçulmanos franceses, inclusive se lhes assegurando direitos como o uso do véu islâmico pelas estudantes nas escolas públicas (em 15 de setembro de 2009, artigo meu publicado na Folha de São Paulo – *Véu islâmico, laicidade e liberdade religiosa* – criticava a proibição do véu islâmico na França).

Enfim, como dito, as coisas são mais complexas do que as escolhas binárias e deve-se refletir sobre a política ocidental em relação ao mundo islâmico e aos imigrantes muçulmanos. Senti-me obviamente confortado com os pontos de vista explicitados acima. E vai no mesmo sentido a declaração do Papa



Francisco de que há limites para a liberdade de expressão, afirmando, com sua jovial coloquialidade, que ofender a religião de alguém é como xingar sua mãe.

Date Created

06/03/2015